

Universidade Federal do Amazonas  
Instituto de ciências Humanas e Letras  
Departamento de Filosofia  
Departamento de Apoio à Pesquisa- DAP  
Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC

Relatório Final

Os gêneros do discurso e o conceito de Persuasão na *Retórica* de Aristóteles

Manaus-2011

Universidade Federal do Amazonas  
Instituto de ciências Humanas e Letras  
Departamento de Filosofia  
Departamento de Apoio à Pesquisa- DAP  
Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC

Izabela Silva Cabral, Fapeam

Relatório Final

Os gêneros do discurso e o conceito de Persuasão na *Retórica* de Aristóteles

PIB - H- 0055/2010

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Socorro da Silva Jatobá

Relatório Final do Programa interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, apresentado para avaliação, ao Departamento de Apoio Pesquisa-DAP da Universidade Federal do Amazonas.

Manaus-2011

## S mario

Introdu�o .....	4
Fundamenta�o teórica .....	7
Desenvolvimento .....	8
Aristóteles .....	8
A retórica .....	12
Os gêneros do discurso .....	18
O gênero forense.....	20
O gênero deliberativo .....	24
O gênero epidítico .....	29
A <i>Retórica</i> de Aristóteles .....	31
Conclusão .....	34
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	36
Referências .....	37

## Introdução

Elaborar um estudo sobre a *Retórica*<sup>1</sup> a partir do conceito de persuasão e determinar os gêneros do discurso segundo uma perspectiva filosófica é a tarefa do interprete de Aristóteles, a qual pretendi realizar nesse projeto. Na introdução da tradução da obra *Retórica*, de Aristóteles, publicada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, a retórica é apresentada como uma disciplina muito antiga. Homero é considerado, pelo autor da introdução e tradutor da obra aristotélica, como um grande utilizador dessa arte do bem falar. Mas foi na Sicília que houve a primeira publicação de um manual de retórica, por Córax e Tísias. Entretanto, foi Górgias de Leontino, na Sicília, quem propagou o ensino da retórica na Grécia Antiga, pois os Sofistas, movimento ao qual Górgias pertencia, foram os primeiros a reconhecer expressamente o valor das palavras e do modo como cada palavra é expressa, traduzindo-se em meios precisos de técnicas de persuasão.

Para Aristóteles, a *Retórica* não é apenas um meio para persuasão, mas é, também, quando utilizada adequadamente, uma técnica cujas estratégias levam a descobrir formas de argumentar e persuadir em direção ao bem-viver em comunidade. A fim de sistematizar e definir os diferentes usos da arte retórica, Aristóteles faz várias especificações, no que concerne aos meios de prova, meios de persuasão, espécies de retórica, categorias de argumento retórico e modos de prova, para expandir todos esses conceitos na prova lógica, e na composição.

---

<sup>1</sup> ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

É sobre esse prisma que este projeto visa estudar as categorias apresentadas por Aristóteles para descrever e explicitar a retórica, bem como cada características inerente aos diversos temas e pontos da obra.



## Fundamentação teórica

A *Retórica* de Aristóteles é uma obra que vem sendo estudado ao longo de muitos anos por vários historiados da filosofia, a retórica é uma disciplina que nos possibilita descobrir os meios de persuasão, a arte do bem falar. Ao longo de nossa pesquisa muitos autores foram fundamentais para a melhor compreensão da obra aristotélica, alguns já encluidos em nossa referência, como Enrico Berti<sup>2</sup> e outros que foram acrescentados ao decorrer da pesquisa, como Jacques Brunschwing<sup>3</sup>, o qual seu estudo sobre a *Retórica* possibilitou a compreensão de muitos temas, pois conforme avançavamos na pesquisa, alguns pontos iam se mostrando difíceis, visto que a obra de Aristóteles não é simples. A relação entre retórica e dialética, por exemplo, que é uma questão bastante discutida entre os estudiosos de Aristóteles, exigiram um pouco mais de atenção, tema que tanto Berti como Brunschwing tratam com bastante seriedade e competência.

Autores como os citados acima, foram fundamentais para a elaboração de uma pesquisa consistente, tendo o menor número de erros possíveis, tanto os autores que já faziam parte de nossas referências, como os que foram inseridos já com a pesquisa em andamento, contribuíram para que o estudo do conceito de persuasão e os gêneros de persuasão expostos na *Retórica*, objetos de nossa pesquisa, se transformassem em argumentos sólidos, sem se desviar do que Aristóteles nos deixou em sua obra.

---

<sup>2</sup> BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

<sup>3</sup> BRUNSCHWING, Jacques. *Estudos e exercícios de Filosofia Grega*. Tradução de Claudio Willian Veloso. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

## Desenvolvimento

### Aristóteles

Aristóteles, filósofo grego, nascido em Estagira, pequena cidade situada na península Calcídica em 384 a.C., faleceu em Cálcis, na ilha de Eubéia, no outono de 322 a.C. A origem da família de Aristóteles era legitimamente grega e sua cidade natal tinha população puramente grega. Seu pai, Nicômaco, era médico de Amintas II, rei dos macedônios, pai de Felipe II, e, portanto avô de Alexandre Magno. O rei Felipe II convidou Aristóteles a ir a Mísia como preceptor de Alexandre Magno. Não se sabe até que ponto Aristóteles influenciou seu pupilo. Sabe-se que uma de suas obras é denominada *Alexandre*.

Pouco se sabe da personalidade e do caráter de Aristóteles, porém Aristóteles foi um pesquisador incansável, que realizou profundas especulações filosóficas. Para ele, o ensino e o conhecimento eram complementos um do outro. Segundo Jonathan Barnes<sup>4</sup>: “Nenhum homem antes dele contribuiu tanto para o ensino”. Aristóteles escreveu muitos livros, compreende-se a uma relação de cerca de 150 livros que publicados e colocados em conjunto de um modo moderno, supostamente seria equivalente a 50 volumes impressos.

Acredita-se que as obras de Aristóteles estão diretamente ligadas à sua atividade docente. E suas obras se dividem em *exotéricas* e *esotéricas*. As primeiras, são obras retiradas de tratados preparados para cursos públicos, fora do Liceu. Foram redigidas de forma mais dialética do que demonstrativa. Porém, destas restam apenas alguns

---

<sup>4</sup> BARNES, Jonathan. *Aristóteles*. Tradução Ricardo Ploch Machado. Aparecida – São Paulo: Idéias e Letra, 2009.



fragmentos. As segundas, correspondiam às aulas que o filósofo ministrava para seus alunos, em seus cursos fechados. As obras *esotéricas* não se tratam de diálogos, mas sim explicações e anotações sem nenhuma preocupação literária, se preocupava apenas com o ensinamento e aproveitamento de seus discípulos. O conjunto de obras de Aristóteles é chamado de *corpus aristotelicum* e a arrumação dos tratados que constituem esse *corpus*, é creditada a Andrônico de Rodes, discípulo de Aristóteles e que dirigiu a escola peripatética<sup>5</sup> no século I a.C.

O conteúdo das obras de Aristóteles, apresenta uma distribuição sistemática: primeiro, os tratados sobre Lógica, que receberam o nome de *Organum*, já que para Aristóteles a Lógica é um instrumento utilizado pela ciência e pela filosofia no decorrer de sua construção. As *Categorias* é uma das obras que fazem parte do *Organom* e estuda os elementos do discurso e os termos da linguagem.

Após o *Organom*, surgem as obras dedicadas ao estudo sobre a Natureza, tratados sobre o mundo físico, o mundo sublunar e relativos aos fenômenos atmosféricos. A *Física*, uma das obras mais conhecidas de Aristóteles, examina conceitos gerais relativos ao mundo físico, é uma exemplo de obra que trata sobre a Natureza. Segundo Enrico Berti, “não é verdade que física de Aristóteles dependa de sua metafísica, mas é verdadeiro o contrário, porque a metafísica é justamente o êxito extremo da física, e no âmbito desta última Aristóteles formula suas mais importantes doutrinas, aquelas que regem toda a sua visão de realidade, antes de toda a famosa doutrina das quatro causas, segundo a qual para toda realidade natural é necessário procurar as causas formal, material, motora e final.”(1998: 46).

---

<sup>5</sup> Nome dado a escola de Aristóteles.

Em seguida, encontramos uma série de obras que se referem ao mundo vivo e tratados que trabalham diferentes funções, como a sensação, a respiração, e a memória. O *Tratado da Alma* ou *De Anima* é considerada a obra que abre a etapa dessa seqüência de obras de Aristóteles. Assim como a *História dos Animais* é a obra principal da série relativa aos seres vivos, que contém o registro de múltiplas e minuciosas observações.

Aristóteles faz uma divisão da filosofia em três partes (*Tópicos* VIII I, 157 a 10-11; *Metafísica* VI I, 1025b 25): a filosofia teórica ou primeira, a filosofia prática e a filosofia poiética ou produtiva. Uma das mais interessantes funções dessa tripartição da filosofia ou ciência, é mostrar que, a cada uma, corresponde uma forma própria de racionalidade. Assim, é afirmada, pela primeira vez na história da filosofia, a existência de várias formas de racionalidade. Todas, ampla e exaustivamente estudadas por Aristóteles.

A filosofia primeira, é puramente teórica, porque o alvo do conhecimento teórico é simplesmente a verdade. Segundo Aristóteles, o conhecimento teórico é aquele que abrange a maior parte do conhecimento humano. Duas grandes obras, sob esse aspecto, se destacam: a *Física* e a *Metafísica*, esta última constituída por quatorze livros, que trata dos primeiros princípios e das primeiras causas da realidade. Elas se caracterizam como “as duas ciências teoréticas” propriamente ditas. O *logos* do conhecimento teórico é dialético e apodítico.

Em seguida, encontra-se, segundo a referida divisão, a filosofia prática, onde se destacam a *Ética Nicomaquéia*, a *Ética Eudêmia*, a *Magna Moralia* e a *Política*. Segundo a divisão aristotélica, essa parte da filosofia constitui-se numa reflexão sobre as ações humanas, um exame sobre o conceito de ação e sobre o modo segundo o qual, no mais das vezes, os homens devem agir diante das diversas circunstâncias. *O fim que*

*se tem em vista*, diz-nos o próprio Aristóteles, *não é o conhecimento, mas a ação* (*Metafísica* 1095a 4-11). Por isso, não é para os jovens, pouco afeitos às preleções sobre ciência política (1095a 2-4). Mas, que ninguém se engane, também a filosofia prática interessa-se pelas causas e pelos princípios, visto ser, também ela, uma ciência *Ética Nicomaquéia* (VII I).

A terceira divisão da filosofia, Aristóteles caracteriza como filosofia poiética ou filosofia produtiva, pois a palavra poiética deriva do termo grego *poiesis*, que tem por significado produção ou fabricação humana. É a parte da filosofia que cuida da fabricação das coisas, uma reflexão sobre a capacidade técnica de fabricação do homem. As obras que se destacam, nessa terceira filosofia, são a *Poética* e a *Retórica*. Sobre essa última concentra-se nossa pesquisa.

## A retórica

A retórica, nos últimos tempos, desde as obras de Chaim Perelman, vem sendo bastante estudada e, assim, o interesse pela retórica antiga vem aumentando consideravelmente. A retórica é uma das disciplinas humanas mais antigas e possui semelhança com a gramática, com lógica e com a poética.

Segundo Manuel Alexandre Junior, tradutor da *Retórica*, já em Homero, aparece como a genial capacidade dos gregos de se expressarem oralmente e, dessa forma, a arte retórica, se inspirou na palavra usada com fins persuasivos. Assim, desde a época de Homero, a Grécia se preocupava com a arte de bem falar, considerada tanto do ponto de vista da eloquência poética quanto da perspectiva da persuasão e das técnicas de convencimento.

Uma das tarefas mais difíceis para os estudiosos da retórica, entretanto, é defini-la. A retórica foi sempre uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão do que com as formas do discurso. São várias as definições conferidas à retórica, pelo menos, segundo Manoel Alexandre, desde Quintiliano<sup>6</sup> que nos oferece quatro definições consideradas como as mais representativas dentro do pensamento antigo: a) a definição que fora atribuída a Córax e Tísias, assim como a Górgias e a Platão, que compreende a retórica a partir de seu grau de persuasão; b) a definição atribuída a Hermágoras, segundo a qual a retórica é compreendida como a faculdade de falar bem em discursos públicos; c) a definição do próprio Quintiliano, ou seja, como a arte ou a ciência do bem falar e d) a definição de Aristóteles, para quem a retórica parece ser capaz de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto e que, também nas *Refutações Sofísticas*, último livro dos *Tópicos*, abre uma discussão quanto à

---

<sup>6</sup> *Institutio oratória*, 2.1-21.

finalidade do discurso retórico e seu nível de comprometimento com a verdade, caracterizando-se, assim, como um certo tipo de ciência.

Ao analisar essas definições, destaca-se um aspecto fundamental: todas concordam quanto ao fato da retórica possuir, como característica principal, a necessidade de criação e elaboração de técnicas de discursos com a finalidade de torná-lo extremamente persuasivo. A retórica é, assim, compreendida como uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa com as técnicas da comunicação. Porém, não de uma comunicação compreendida de modo geral, mas uma comunicação com fins persuasivos. Para quê e em vista de quê persuadir, quantos e quais métodos ou estratégias utilizar, serão, entretanto, considerados de forma inteiramente diferente. Isto implicará, por exemplo, e de modo definitivo, numa querela entre Platão, Aristóteles e os Sofistas. Aristóteles estabelecerá um confronto direto e permanente com Isócrates e outros grandes retores de seu tempo.

Os antigos se referiam à retórica como a arte do bem falar, pois para se falar bem é necessário se pensar bem; não somente ter idéias originais e interessantes, mas tê-las de modo lógico, ordenado, a fim de melhor transmiti-las de modo persuasivo, de acordo com o que se crê, tendo sempre em vista o estabelecimento e a afirmação da verdade, para os filósofos ou de uma opinião ou convenção para os sofistas.

Aristóteles se ocupou com os problemas envolvendo a retórica desde o tempo em que frequentava a Academia de Platão. Considerando que passou vinte anos na Academia, tem-se uma idéia precisa sobre o quanto o tema ocupou os interesses do filósofo. Ele escreveu dois tratados diferentes sobre a elaboração do discurso. A sua *Retórica* ocupa-se da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos. Aristóteles inova a retórica dando ao argumento lógico um destaque central

na arte da persuasão. A sua *Retórica* é uma retórica de prova, do silogismo retórico, na *Retórica* de Aristóteles o silogismo recebe o nome de entinema<sup>7</sup>, que parte de princípios verossímeis e que parte dos efeitos para as causas e não das causas para os efeitos, segundo Pierre Pellegrin<sup>8</sup>. Na medida que a retórica é uma técnica discursiva de verdade as provas, tem por finalidade conduzir o ouvinte para a verdade, fazendo com que ele admita como verdadeira a tese que esta sendo defendida pelo orador acerca do caso em discussão. O entinema permite sustentar a verdade de uma conclusão.

A *Retórica* de Aristóteles é uma obra constituída de três livros: no primeiro, ou Livro I, o enfoque recai sobre a lógica e as características fundamentais e estruturantes de cada discurso possível; o segundo, ou Livro II, investiga o papel que a emoção e outros sentimentos ocupam na elaboração e no proferimento do discurso. Segundo Aristóteles, as emoções fazem o ser humano alterar e introduzir mudanças nos seus juízos. Investigar quanto e como é uma das preocupações do Livro II assim compreendido como O Tratado das Paixões. O orador aristotélico faz uso do raciocínio para controlar suas paixões. Cada emoção enumerada por Aristóteles é classificada com o intuito de saber a razão ou a causa de cada uma delas e como fica e se comporta a pessoa que as experimenta. Existe até uma caracterização no que diz respeito à idade e à fortuna. Assim, as paixões humanas são rigorosamente pensadas a partir de uma diferenciação quanto ao modo como as paixões e os hábitos se manifestam na juventude e na maturidade, por exemplo. Além disso, essas características também serão diferenciadas de acordo com a fortuna (*tyche*), como já foi dito e isto é um aspecto bastante importante e original da filosofia aristotélica que não negligencia a importância que a sorte ou fortuna exerce sobre a vida humana.

---

<sup>7</sup> Entinema é um silogismo retórico: a forma dedutiva de argumentação retórica que tem no paradigma a sua forma indutiva.

<sup>8</sup> PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010

O Livro III consiste num tratado sobre a linguagem e o estilo. Aristóteles afirma que o estilo funciona como uma espécie de auxiliar da argumentação, de modo que é muito importante que se trate do assunto a fim de melhor relacionar e refletir sobre o problema da forma e do conteúdo.

Segundo Manuel Alexandre, existem alguns princípios que caracterizam o esquema retórico aristotélico. São eles:

- 1) A distinção das categorias de persuasão em duas: provas técnicas e não-técnicas;
- 2) Os três meios de prova ou formas de persuasão: a lógica do assunto, o caráter do orador e a emoção dos ouvintes;
- 3) A distinção de três espécies de retórica: Judicial, deliberativa ou epidíctica;
- 4) A formalização de duas categorias de argumentos retóricos; o entinema, como prova dedutiva; o exemplo, usado na argumentação indutiva;
- 5) A concepção e o uso de várias categorias de tópicos: tópicos específicos relacionados para cada gênero de discurso; tópicos geralmente aplicáveis a todos os gêneros do discurso; tópicos que proporcionam estratégias de argumentação aplicáveis a todos os gêneros do discurso;
- 6) A concepção de normas básicas de estilo e composição; a compreensão de diferentes tipos de linguagem;
- 7) A classificação e ordenação das várias partes do discurso.

As provas (*pisteis*)<sup>9</sup> não-técnicas (*atechoi*) ou artístico de persuasão apresentadas por Aristóteles são utilizadas quando há necessidade de evidências, testemunhos ou contratos escritos em um julgamento, assim como os

---

<sup>9</sup> O termo *pisteis*, tem sentido variado ao longo da *Retórica*. Optei, aqui como alguns estudiosos pela tradução por provas.

depoimentos de escravos extraídos sob tortura e os juramentos. As provas técnicas (*entechnoi*) ou inartísticas são os meios de persuasão criados pelo orador. Como nos mostra Aristóteles:

*Das provas de persuasão umas são próprias da Arte retórica e outras não. Chamo provas inartísticas a todas que são produzidas por nós, antes já existem: provas como testemunhos, confissões sobre tortura, documentos escritos e outras semelhantes; e provas artísticas, todas as que se preparam pelo método e por nós próprios. De sorte que é necessário utilizar à primeira, mas inventar a segunda<sup>10</sup>.*

A finalidade maior do discurso retórico é a persuasão, e para chegar a este fim é necessário fazer uso dessas provas, pois as mesmas auxiliam na tese que será defendida. Existem os três modos de provas ou formas de persuasão, que são provas técnicas:

*As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar. (1348a).*

O ouvinte é persuadido pelo caráter(*ethos*)<sup>11</sup> quando um determinado discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão do orador ser confiável. Pois é do ser humano, mais e com maior rapidez naqueles que se apresentam para nós de maneira honesta, tornar-se confiável, e dessa forma, não deixar margem a dúvidas. Essa confiança que adquire o ouvinte é dada através do discurso e não do caráter do orador. E como disse Aristóteles: “Não se deve considerar para o ouvinte a probabilidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que é o caráter o principal meio de persuasão”. (1367a).

---

<sup>10</sup> ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. Todas as citações são dessa tradução.

<sup>11</sup> Caráter, modo de vida habitual. É mais moral, que intelectual para Aristóteles.



Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando o mesmo, no decorrer da audição do discurso é levado a sentir emoção(*pathos*). Pois quando sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio, nossos juízos variam conforme o que está se sentindo naquele determinado momento.

E o ouvinte é persuadido pelo discurso, também, quando se mostra o que é verdade ou o que parece a verdade. Em cada caso particular o ouvinte é persuadido de um modo diferente. Essas três espécies de provas se diferem da primeira, pois são elaboradas pelo orador no momento em que ele está proferindo seu discurso. Pois, as provas não-técnicas são aquelas que já existiam, que não foram produzidas por nós, e as técnicas são aquelas produzidas no decorrer do discurso, conforme os métodos próprios da arte<sup>12</sup>retórica. E como afirma Aristóteles na passagem 1356<sup>a</sup>: “...é evidente que delas se pode servir se for capaz de formar silogismos, e puder teorizar sobre as virtudes, e em terceiro lugar sobre as paixões...”, ou seja, aquele que pode raciocinar logicamente e compreender o caráter humano e a virtude em todas as suas formas e paixões.

---

<sup>12</sup>Como τέχνη, a retórica é, para Aristóteles, um corpo de regras e princípios gerais que a razão pode conhecer.

## Os gêneros do discurso

Judicial ou forense, deliberativo ou político e demonstrativo ou epidíctico são os três gêneros ou espécies do discurso<sup>13</sup> da *Retórica* aristotélica. A situação do discurso consiste num orador, em um discurso e em um auditório. Esse auditório é composto pelo juiz, quando o discurso se passa no tribunal ou pelo espectador, quando o mesmo encontra-se em um conselho ou em uma assembleia.

Os discursos judiciais, ou são acusações ou defesas sobre coisas que foram feitas no passado e sobre as quais deve ser apontadas as justiças ou injustiças que foram cometidas. O tempo do discurso forense é o passado. Os discursos deliberativos ou são exortações ou dissuasões, que visam mostrar a vantagem ou desvantagem de uma determinada ação. O tempo do discurso deliberativo é o presente. Os discursos epidícticos louvam ou censuram algo, e buscam mostrar as virtudes ou os defeitos de uma determinada coisa ou pessoa, e tem como tempo o presente.

Nas palavras de Aristóteles:

*Numa deliberação temos tanto o conselho como a dissuasão; pois tanto os que aconselham em particular como os que falam em público fazem sempre uma destas duas coisas. Num processo judicial temos tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que pleiteiam façam uma destas coisas. No gênero epidíctico temos tanto o elogio como a censura. Os tempos de cada um destes são: para os que delibera, o futuro, pois aconselha sobre eventos futuros, quer persuadindo. Quer dissuadindo; para o que julga, o passado, pois é sempre sobre actos acontecidos que um acusa e o*

---

<sup>13</sup> Λόγος significa tanto raciocínio como discurso, referendo-se aqui, a uma vertente lógica do discurso persuasivo.

*outro defende; para o gênero epidíctico o tempo principal é o presente, visto que todos louvam ou censuram eventos actuais, embora também muitas vezes argumentem evocando o passado e conjecturando sobre o futuro.*(1367b).

Cada um destes três gêneros citados por Aristóteles têm finalidades diferentes e como são três gêneros, três são os seus fins ou objetivos. Para o discurso deliberativo, a finalidade é conveniente ou prejudicial, pois aquele que aconselha, o faz da melhor maneira possível e o que desaconselha, dissuade com o pior, assim como justo e injusto, belo ou feio e vários outros. Como o objetivo do que delibera é o conveniente, e são as pessoas que o deliberam, não sobre o fim, mas sobre os meios que as conduzem, e como esses tais meios são o que é conveniente sobre ações e o conveniente é o bom, é necessário que seja dado uma definição geral dos elementos acerca do bom e do conveniente. Para o discurso forense o fim é o justo ou o injusto, pois no tribunal um dos dois prevalece. E para o discurso epidíctico o fim é o belo ou o feio, o belo para os que elogiam e o feio para os que censuram.

A seguir, faremos uma distinção dos gêneros da *Retórica* aristotélica, de modo individual.

## O gênero forense

O gênero ou discurso forense, diz respeito à acusação e à defesa, à injustiça e suas causas. É necessário, portanto, verificar três coisas: a natureza e os números das razões pelas quais foi cometida a injustiça, a disposição de quem a comete e a disposição e o caráter daqueles que a sofrem. Entende-se por cometer injustiça a violação da lei voluntariamente. Aristóteles nos dá uma definição de lei:

*Ora a lei ou é particular ou comum. Chamo particular a lei escrita pela qual se rege cada cidade; e comuns; as leis não escritas, sobre as quais parece haver um acordo unânime entre todo. As pessoas agem voluntariamente quando sabem o que fazem, e não são forçadas. (1377b)*

Não é sempre que os atos voluntários são cometidos de modo premeditado, mas aqueles que os realizam premeditadamente os fazem com conhecimento de causa, posto que ninguém é ignorante quanto ao que decide fazer. A maldade e a intemperança são as causas principais dos danos causados de modo premeditado. Por isso, ao se cometer a maldade e a intemperança, comete-se mais facilmente todo e qualquer tipo de injustiça.

Aristóteles nos chama atenção para a matéria que constitui a oratória judicial, isto é, o prazer. Diz ele: “o prazer é um certo movimento da alma e um regresso total e sensível ao seu estado natural e que a dor é o contrário.” Desse modo, fica evidente que o que produz prazer é agradável e algo que não nos dá prazer, por sua vez, é doloroso. As preocupações e o esforço são exemplos de situações dolorosas. E os hábitos, são situações consideradas agradáveis, pois o que é habitual ocorre naturalmente. E, segundo Aristóteles, “agradável é também tudo aquilo de que temos em nós o desejo, pois o desejo é apetite do agradável.”(1390a) Assim como é agradável não sofrer nenhum tipo de mal. São muitas as definições que nos dá Aristóteles do agradável e do doloroso, os mencionados são apenas alguns, o suficiente para fazer perceptível que o

prazer torna as coisas mais agradáveis e as coisas dolorosas são manifestas pelos seus contrários.

No decorrer do Livro I da *Retórica* de Aristóteles, em que ele nos descreve os gêneros do discurso, ele nos mostra, no discurso forense, os agentes e as vítimas da injustiça e, ainda, as características daqueles que cometem ambas. Como explica Aristóteles:

*As pessoas cometem injustiça quando pensam que a acção se pode cometer e ser cometida por ela :ou porque entendem que o seu acto não será descoberto ou, se for, que ficará impune; ou então porque, se este for punido, a punição será menor do que o lucro que esperam para si mesmos ou para aqueles de quem cuidam. (1378a)*

Portanto, aqueles que acreditam que podem cometer injustiças, quando não recebem uma punição, são dotados do poder de eloquência. Assim, também esta pode ser causa de injustiças. Outra razão que pode levar alguém a cometer injustiça é o excesso de confiança em amigos influentes, ou por serem muito ricos ou por serem muito poderosos. Pois assim eles podem agir sem ser descobertos e muito menos punidos. Acreditam que a influência ou poder dos amigos os protegerá da punição. Esse aspecto é tão importante que Aristóteles dedica especial atenção à definição e delimitação do estatuto da amizade em sua filosofia.

A injustiça é cometida por aqueles que sentem falta do que o outro tenha ou pelas necessidades da vida ou simplesmente em vista da aquisição do supérfluo, aquilo que causa gozo aos sentidos. As injustiças, segundo Aristóteles, são cometidas, no mais das vezes, contra aqueles que não possuem preocupações, pois são confiantes, o que não os impede de ser apanhados desprevenidos. Alvos fáceis são, também, os tímidos, pois não são aptos a lutar por qualquer questão. Outros igualmente suscetíveis a sofrer injustiças são aqueles que nunca a sofreram antes mas, também aqueles que já as

sofreram muitas vezes, pois ambos estão de alguma forma desprevenidos. Uns, porque nunca foram injustiçados e aqueles que já foram acreditam que não serão novamente.

São muitos aqueles que cometem injustiças e são igualmente numerosos aqueles que sofrem injustiças. O que nos faz perceber que praticamente todos os homens cometem ou são capazes de cometer injustiças, pois acreditam que possam vir a ser perdoadas de suas ofensas.

Os critérios de justiça e injustiça se enquadram naquilo que Aristóteles chama das leis comuns e particulares, isto é, a lei que é segundo a natureza e a lei que foi definida por cada povo. Pois, segundo ele, há na natureza, um principio comum acerca do que é justo e injusto. Como por exemplo, na *Antígona*<sup>14</sup> de Sófocles, em que Antígona é proibida pela cidade de enterrar seu irmão, porém naquela época ser enterrado era um direito natural, portanto era justo enterrar Polinice: “Pois não é de hoje nem ontem que essa lei existe, e ninguém sabe desde quando apareceu.” Portanto, uma lei mais antiga e tradicional rege as ações da personagem que não poderia deixar de cumpri-la e, dessa forma, oferecer as honras fúnebres a seu irmão, sangue do seu sangue e membro natural de sua casa.

A justiça é definida de duas maneiras: como o que deve ou não ser feito em relação a tudo que esta redor. Assim como a injustiça também pode ocorrer de duas maneiras, pois ela pode ser cometida em relação a um determinado indivíduo como para toda uma comunidade. Como por exemplo, quando alguém comete adultério está ferindo a uma pessoa e quando uma pessoa não cumpre seus deveres militares fere toda uma comunidade.

---

<sup>14</sup> Sófocles, *Antígona*, 456-457.

A gravidade de um delito é julgado conforme o seu tamanho. Um delito é maior quando procede de uma injustiça maior. Os delitos menores podem, não obstante, ser considerados muito graves. Por exemplo, quem rouba algo considerado sagrado pode ser capaz de cometer qualquer injustiça, ou seja, roubar algo que possa parecer pequeno, mas que é considerado sagrado por alguém ou por todos, caracteriza-se como um grave delito.

As provas não-técnicas são específicas da Retórica judicial ou forense. São cinco: as leis, os testemunhos, os contratos, as confissões sobre tortura e o juramento. Essas cinco provas são de fundamental importância para o discurso forense, para que o número de injustiças cometidas seja o menor possível. É necessário, ainda, mostrar o caráter bom ou ruim de uma ação passada

## O gênero deliberativo

A característica do orador do discurso deliberativo é compreender coisas boas ou más, pois o orador deliberativo não se ocupa de todas as coisas mas apenas daquilo que pode vir a acontecer ou não, tanto o conselho como a dissuasão são objetos do discurso deliberativo. Como dizia Aristóteles:

*Sobre tudo o que necessariamente existe ou existirá, ou sobre tudo o que é impossível que exista ou venha a existir, sobre isso não há deliberação. Nem mesmo a deliberação pra tudo que é possível; pois, de entre os bens que podem acontecer ou não, uns há por natureza e outros por acaso em que a deliberação de nada aproveitaria. (1352b)*

Os assuntos da deliberação são bastante claros, são os que se relacionam conosco e no qual a produção está em nossas mãos. Portanto, pode-se observar e desenvolver todas as habilidades necessárias e indispensáveis a fim de tornar possível descobrir o que se pode ou não fazer.

Os temas mais importantes e sobre os quais todos deliberam<sup>15</sup>, segundo Aristóteles, são aqueles que os próprios oradores deliberativos dão conselho. São basicamente cinco: finanças, guerra e paz, defesa nacional, importações e exportações, e legislação.

Aqueles que se propuserem a da conselhos sobre finanças, devem conhecer os recursos e o valor que tem a cidade em que vive, assim como deve-se conhecer todas as despesas da cidade , eliminando o que for desnecessário.

Em relação à guerra e à paz, é necessário conhecer o poder da cidade, a sua força e o quanto pode alcançar as forças que têm à disposição de modo a tornar possível acrescentar forças quando necessário. Além, é claro, de saber quantas

---

<sup>15</sup> Deliberar implica investigar e calcular. *Ética a Nicômaco*, 1142b3



guerras foram travadas e como e por quê se deu o confronto. É de fundamental importância que não se conheça essas coisas somente sobre sua própria cidade mas, também, sobre as cidades vizinhas: “é necessário ainda saber com que povos se pode esperar fazer guerra, a fim de manter a paz com os mais fortes e fazer a guerra com os mais fracos”, salientava Aristóteles.

Quanto à defesa do país, é necessário conhecer o número das tropas que a defendem, assim como os lugares onde estão localizadas as fortalezas, para que seja possível que a defesa seja reforçada, caso pareça pequena e removida caso a segurança pareça ser excessiva. E que se possa garantir que os lugares mais importantes sejam adequadamente protegidos.

Deve-se conhecer os gastos da cidade e quantos e quais são os alimentos produzidos em seu solo e quais aqueles que precisam ser importados. Pois importações e exportações, quando são necessárias, supõem a necessidade de elaboração e firmação de acordos e tratados com outras cidades, garantir tanto a melhora quanto a viabilidade de economia da cidade.

É necessário conhecer todas essas coisas para garantir a segurança do estado, pois obtendo todos esses conhecimentos é possível garantir a estabilidade do mesmo. É também fundamental entender de legislação. Pois é nas leis que se encontram a salvação da cidade. É fundamental entender e saber quantas e quais são as formas de governo e conhecer quais as causas capazes de corrompe-las. Para ser possível agir quando necessário, assim as formas de governo são consideradas por Aristóteles como “O maior e mais eficaz de todos os meios para se poder persuadir e aconselhar bem..” é preciso compreender as formas e governo e poder distingui-la, pois se no discurso deliberativo um de seus fins é o

conveniente, logo é conveniente preservar o Estado. As formas de governo são quatro: a democracia, a forma de governo em que as magistraturas se partem por sorte<sup>16</sup>, e possui como fim a liberdade; a oligarquia, em que as formas de governo são atribuídas segundo o censo, e possui como fim a riqueza; a aristocracia, em que a forma de governo é atribuída com base na educação, e tem por fim a educação; e a monarquia, que só o nome já explicita em que um só é senhor de todos, e tem como fim a defesa pessoal. Estas apresentadas acima são, segundo Aristóteles, as questões mais importantes para aqueles que precisam estabelecer premissas para aconselhar alguém.

Aristóteles nos apresenta a felicidade como o fim último da deliberação, ou seja, aquilo mesmo que todo homem busca incansavelmente, de modo individual ou em conjunto. Tudo aquilo que escolhem ou deixam de fazer, todas as coisas que o homem faz ou deixa de fazer tem em vista alcançar a felicidade. Assim, Aristóteles conceitua o que pode ser entendido por felicidade e quais os elementos que a constituem:

*Seja, pois, a felicidade o viver bem combinado com a virtude, ou a auto-suficiência na vida, ou a vida mais agradável com segurança, ou a pujança de bens materiais e dos corpos juntamente com a faculdade de os conservar e usar; pois praticamente todos concordam que a felicidade é uma ou várias destas coisas. (1375b)*

A partir dessa consideração, Aristóteles nos apresenta quais as partes que são necessárias para compor a natureza dessa felicidade e são elas: a nobreza, muitos e bons amigos, riqueza, muitos e bons filhos, uma boa velhice; boa saúde, beleza, vigor, força para a luta; a reputação, a honra, a boa sorte e a virtude, com suas partes: a prudência, a coragem, a justiça e a temperança.

---

<sup>16</sup> Forma característica de eleição nas democracias mais radicais da Grécia, incluindo a de Atenas.

A nobreza, segundo Aristóteles, significa para o homem e para a cidade, que muitos dos seus chefes são cidadãos ilustres, assim como muitos de seus descendentes, e que os mesmos demonstram possuir qualidades invejáveis. “Amigo é aquele que pratica para o outro o que considera bom para si”. Ter bons e numerosos amigos é um dos maiores bens. Rico, porém, significa ter dinheiro em abundância assim como possuir muitas terras, gados, imóveis e escravos. Ter bons e numerosos filhos é considerado um bem, porque, para a cidade, é bom ter um grande número de jovens e, se possível, que estes tenham uma boa forma e estejam aptos para a luta, isto é, para defendê-la. Devem ter como virtudes, a temperança e a coragem, por exemplo. Uma velhice lenta e sem dor, é considerada por Aristóteles, uma boa velhice. A boa saúde é poder usar o corpo sem enfermidade. A beleza diferencia-se, assume uma forma diferente, em cada idade. A beleza do jovem reside em bem suportar suas fadigas; a do homem mais maduro, na aptidão para a guerra e a beleza do homem mais velho consiste em suportar as fadigas da velhice e estar livre de dores. O vigor é a capacidade de mover um outro corpo ou objeto quando se quer. Ser considerado por todos, um homem de bem é o mesmo que possuir uma boa reputação. A honra é sinal de que o homem possui uma boa reputação por fazer o bem. São considerados os mais honrados aqueles que fazem o bem em todos os sentidos.

Assim, afirma-se os temas mais importantes da deliberação, tais como a nobreza e a beleza, que tornam possível atentar para a finalidade de toda e qualquer ação humana: alcançar a felicidade (*eudaimonia*) e, ainda, que no discurso deliberativo o orador precisa mostrar que uma coisa é mais ou menos importante, mais ou menos vantajosa, possível ou impossível. Chama-se, assim,

a atenção para a relação entre o discurso presente proferido e o compromisso deste com a ação futura.

## O gênero epidítico

O gênero epidítico trata da virtude e do vício, do belo e do vergonhoso. Pois é desse modo que alguém elogia ou censura. É por meio destas questões que podemos considerar o caráter, é assim que podemos inspirar confiança em nos próprios e no que diz respeito à virtude.

O belo é considerado digno de louvor, é algo considerado agradável por ser bom. A virtude (*aretê*) é considerada digna de louvor e é algo bom. Logo, a virtude é bela. Uma de suas características é produzir e conservar os bens. A virtude possui dez elementos, sendo eles: a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência e a sabedoria. São consideradas as melhores virtudes aquelas que são mais úteis aos homens uma vez que a virtude tem a propriedade de fazer o bem. Sendo assim, os justos e corajosos são os mais honrados, pois as virtudes deles são úteis tanto na guerra como na paz; os liberais, são generosos e não brigam por riquezas. A temperança é a virtude a partir da qual uma pessoa se comporta em relação aos prazeres do corpo conforme a lei. A liberalidade é a virtude de fazer o bem usando o dinheiro. A magnanimidade, por seu turno, é uma virtude produtora de grandes benefícios. A magnificência é a virtude de fazer coisas grandes e custosas. A prudência é a virtude da inteligência. Enfim, tudo que produz a virtude é naturalmente belo. As virtudes fazem com que as pessoas possam ser consideradas de caráter, as virtudes inspiram confiança em um determinado discurso.

Quanto às características principais do gênero epidítico, o elogio e a censura, pode-se assumi-los como idênticos às qualidades que existem em

ambos, como os exemplos fornecidos por Aristóteles: um homem cauteloso e calculista ou aquele segundo o qual o simples é honesto e o insensível é calmo.

A censura deriva dos contrários, a justiça e a injustiça, a coragem e a covardia, a temperança e a intemperança, a magnificência e a miséria, a magnanimidade e a mesquinhez, a liberalidade e a avareza.

Portanto, o discurso que inclui ou está relacionado com a nobreza e a virtude, o conceito de belo e seus contrários, são característicos do discurso epidíctico. É evidenciado, neste discurso, o caráter nobre ou vil de uma ação presente.

## A Retórica de Aristóteles

A retórica se move, normalmente, em caminhos que partem de raciocínios gerais, mas também pode recorrer a caminhos pertencentes a uma ciência particular, como por exemplo, a ética e a política.. A sua *Retórica* se ocupa da arte da comunicação com fins persuasivos. Disse-nos Aristóteles:

*Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte; pois cada uma das outras apenas é instrutiva e persuasiva nas áreas da sua competência; como por exemplo, a medicina sobre a saúde e a doença, a geometria sobre as variações que afetam as grandezas, e a aritmética sobre os números; o mesmo se passando com todas as artes e ciências. Mas a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. (1385b)*

Para Aristóteles, segundo classificação anteriormente apresentada, a retórica tem um estatuto instrumental, tanto quanto os tratados lógicos, dos quais muito provavelmente faz parte. A *Retórica* é, sobretudo, uma retórica de provas, do raciocínio. O principal instrumento da *Retórica* de Aristóteles são as paixões, tanto que o Livro II, como já dissemos, é inteiramente dedicado a elas e afirma-se, dessa forma, como um verdadeiro tratado das paixões da alma. Entretanto, o próprio Aristóteles afirma, no Livro I, que não estará interessado em explorar as paixões humanas. Trataremos desse aparente paradoxo mais adiante. Por ora, voltemos à questão da utilidade.

Enrico Berti nos diz que são quatro as utilidades da retórica segundo Aristóteles:

*Em primeiro lugar, a retórica é útil por que permite evitar uma coisa reprovável, isto é, perder uma causa justa por inferioridade própria, dado que “por natureza”, por si mesmas, “ as coisas verdadeiras e justas são mais fortes que seus contrários.”(1355 a 21-24)... Em segundo lugar, a retórica é útil porque, para alguns, não basta recorrer à ciência mais exata, que é apropriada para o ensino, na medida em que é necessário usar argumentos baseados nos lugares comuns... Em terceiro lugar, é útil porque está*

*em condição de persuadir de coisas contrárias, o que serve não para que se façam ações contrárias entre si... Em quarto lugar, ela é útil porque sabre usar tão capacidade de fazer discursos pode ser extremamente proveitoso, quanto saber usá-las injustamente pode ser extremamente danoso, o que é próprio dos bens mais úteis, como o vigor, a saúde, a riqueza e a estratégia. (pág. 175-176)*

Assim, Enrico Berti salienta que a arte retórica é útil, porque a verdade e a justiça são mais fortes que os seus contrários. Os juízos discursivos têm que agir de modo, caso contrário, a verdade e a justiça serão vencidas pelos seus opostos, ou seja, a justiça e a injustiça e isso deve ser censurado.

Aristóteles inicia o Livro I de sua *Retórica* com a seguinte frase “A retórica é a outra face da dialética...”, essa frase tem levado estudiosos de Aristóteles a uma discussão acerca da relação entre essas duas “artes”. Pois nota-se que pelo menos em um momento de sua carreira Aristóteles quis apresentar retórica e dialética como semelhantes. Porém no estudo de Brunschwing, denominado *Retórica e Dialética, Retórica e Tópicos*, o autor nos mostra que essa semelhança é discutível, tendo em vista que *Tópicos* é a obra de Aristóteles que trata da dialética, e analisando esses dois tratados essas duas artes de assemelham muito pouco. Na *Retórica* ocorrem muitas referências aos *Tópicos*, como podemos notar na passagem 1370 a: “ Digo, pois, que os silogismos retóricos e dialéticos são aqueles que temos em mente quando falamos de *tópicos*...”. Porém no *Tópicos* as referências quanto a *Retórica* são discretas . Assim como a *Retórica* diz que dialética e retórica são antistróficas<sup>17</sup>, os *Tópicos* não dizem sequer uma palavra sobre isso. O obra estudada em minha pesquisa, foi a *Retórica*, e não me detive ao estudo da também obra de Aristóteles *Tópicos*, por isso não cabe fazer uma análise aprofundada dessa questão, porém não poderia deixar de fazer referência da mesma aqui, já que esse é um tema discutido e relevante perante os estudiosos de

---

<sup>17</sup> Palavra usada por Brunschwing, em relação ao termo grego Αητίστροφος que corresponde a “correlativo.”



Aristóteles, e se destacou no desenrolar de minha pesquisa, o que considero um ganho, pois ai surge quem sabe a possibilidade de uma nova pesquisa.

## Conclusão

Um dos grandes estudiosos contemporâneos da obra de Aristóteles, Enrico Berti, professor da Universidade de Pádua, na Itália, defende que a *Retórica* estabelece, na obra aristotélica, um nexos filosofia-política-retórica, ou seja, que a obra em questão é fundamental para a compreensão da filosofia prática aristotélica. Embora seja um tratado sobre a retórica, melhor dizendo, sobre a boa retórica, aquela que, por isso mesmo pode ser compreendida como análoga à dialética, uma vez que tem por objetivo persuadir para a verdade. Ramo da filosofia e ramo, a um só tempo, da política, por isso mesmo, segundo Berti (, 2002;181), a retórica assemelha-se duas vezes à filosofia: a primeira, graças à dialética, isto é, a uma possível identidade estrutural entre retórica e dialética; a outra, graças à política, do ponto de vista do conteúdo porque ambos visam distinguir e indicar o bem que existe em nós em relação, sempre, com o bem da *pólis*. Assim, mais do que um tratado sobre argumentação e persuasão a *Retórica* constitui-se como uma espécie de ponte de equilíbrio e aproximação entre as várias formas de investigação sobre as práticas humanas. Por isso, entre outros procedimentos, enumera dois modos de prova. Um, é considerado não técnico ou artístico, onde o orador obtém evidências por meio de testemunhos; o outro é o técnico ou artístico, onde o meio de persuasão é criado pelo orador. Entre esses meios artísticos de persuasão, Aristóteles configura três: os derivados do caráter do orador; derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes e os derivados de argumentos verdadeiros ou prováveis. É por meio de entimemas e exemplos, estes considerados categorias dos argumentos retóricos, que os argumentos lógicos tomam suas formas, mesclando, assim, a teoria da lógica com a teoria retórica. O entimema é um silogismo retórico e, como silogismo, é estruturado a partir de duas premissas necessárias para se chegar a uma conclusão. É utilizado pelo

orador para que se faça demonstrações de acordo com cada espécie de retórica (ou gêneros do discurso): judicial, deliberativo e o epidítico.

Na retórica judicial ou forense, são abordados tópicos ligados aos delitos ou transgressão consciente das leis; tópicos sobre o prazer, sobre agentes e vítimas de injustiça, sobre justiça e injustiça, sobre graus de injustiça e meios não artísticos ou não técnicos de persuasão. Na retórica deliberativa, os temas mais importantes são as finanças, guerra e paz, defesa nacional, importações e exportações e legislação e os tópicos trabalhados para tais temas são os éticos, o do mais/menos aplicado à comparação de bens, onde o orador pretende mostrar o que é mais ou menos importante ou vantajosa e sobre as constituições políticas, relativas aos regimes democrático, oligárquico, aristocrático e monárquico. Na retórica epidítica, os tópicos discutidos são os que têm a ver com nobreza e virtude, os conceitos de belo, nobre, honesto e seus contrários. Essa espécie de retórica é utilizada nos discursos demonstrativos.

Resumidamente, este é um dos aspectos de minha pesquisa ressaltados aqui. Espero poder, em um futuro próximo, prosseguir nos estudos e pesquisas sobre a *Retórica* e sobre outras obras de Aristóteles a fim de aprimorar minha leitura de Aristóteles e seus comentadores e, quem sabe, elaborar projetos de pós-graduação sobre aquele que Cícero chamou *o príncipe dos filósofos*.

## CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Nº	Descrição	Ago 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	Levantamento Bibliográfico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
2	Análise do material bibliográfico		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
3	Avaliação Oral Parcial				X								
4	Elaboração e entrega do Relatório Semestral						X						
5	Continuação da redação do relatório							X	X	X	X	X	
6	Elaboração do Resumo e entrega do Relatório Final												X
7	Preparação para a Apresentação Final no XX CONIC												X

## Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

BARNES, Jonathan. *Aristóteles*. Tradução Ricardo Ploch Machado. Aparecida – São Paulo: Idéias e Letra, 2009.

BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PELLEGRIN, Pierre. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRUNSCHWING, Jacques. *Estudos e exercícios de Filosofia Grega*. Tradução de Claudio Willian Veloso. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.



